Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

**Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA**

| Preços de assignatura | Anno — 36 n.os | Semest. — 18 n.os | Trim. — 9 n.os | N.º á entrega |
|---|---|---|---|---|
| Portugal (franco de porte) m. forte... | 3$800 | 1$900 | $950 | $120 |
| Possessões ultramarinas (idem...... | 4$000 | 2$000 | -$- | -$- |
| Extrangeiro e India................ | 5$000 | 2$500 | -$- | -$- |

31.º Anno — XXXI Volume — N.º 1053

30 de Março de 1908

**Redacção — Atelier de gravura — Administração**
*Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4*
**Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial**
*Praça dos Restauradores, 27*

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.




O DESCOBRIMENTO DO BRASIL — Pedro Alvares Cabral devisa no horisonte o signal de terra do Brasil

*Quadro de Malhôa destinado ao Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro*

## Chronica Occidental

Um genero de theatro que entre nós está dando a alma ao Creador é a revista do anno. E como as nossas revistas do anno nunca foram aquillo que deviam ser, não se perde nada com isso. Perdem, talvez, alguns auctores a libra por acto e o beneficio na noite da decima-quinta; mas o publico, e o gosto do publico, só ficam de ganho.

Desmandos de toda a ordem temos nós em barda, e podemos estar certos de que nenhuma falta nos faz um ou outro a que porventura se vá pondo termo. A revista do anno tinha chegado a ser um d'elles e não dos de menos importancia.

Ha de haver uns trinta annos, eram essas peças uma novidade para Lisboa, e ficavam-lhe muito a caracter Aqui vivia então, mais sinceramente, abertamente, a mãe Pachorra, imagem luzitana, imagem classica por excellencia, de tão incontestavel formosura para nós que dir se-ia nunca envelhecer de todo, e parecendo sempre conservar a mocidade das coisas immortaes, de tal maneira se prendia aos nossos sentimentos, independente dos tempos, dos meios e da civilisação.

Era então governador civil da capital o Conselheiro Arrobas, nomeado especialmente para extirpar a hidra da anarchia. A hidra sentia-lhe o peso da bota, mas nem gemia: ao contrario, póde dizer se que nunca a hidra gosou entre nós de maiores prosperidades do que nesse tempo, calcada pelo borzeguim de tres solas d'esse tigre familiar, como lhe chamava Guilherme de Azevedo.

Vivia-se em Portugal sob um regimen tal de liberdade de imprensa e ausencia de censura, que nem a mais magra e pallida idéa se póde dar do que isso era ás gerações de hoje. Esse foi para nós, verdadeiramente, o tempo das piadas gordas.

Ao *Espectro* de Antonio Rodrigues Sampaio sucedera o *Trinta* de Cecilio de Sousa. Nesse arraial patusco e liberrimo da imprensa, em que cada qual abria barraca para vender o seu peixe, teve o publico de Lisboa um dos seus passatempos favoritos, e ahi se habituou a esta consoladora descrença dos homens e das coisas que ainda hoje lhe resta, como amortecido reflexo da aurea bambochata...

Ainda vivia o Dallot do Theatro Infantil, onde eu passei algumas das tardes mais felizes da minha tenra infancia. O Theatro Infantil era o nosso theatro livre, onde subiam á scena, entre farrapos de lôna, repregos de papelão e pirotechnicos

efeitos de fogos de Bengalla nos finaes dos actos, as peças de Jacobety, todas repassadas de uma moral muito mais duvidosa que a do João Felix Pereira, mas incomparavelmente mais divertida, e d'um alcance bem mais facil a todas as intelligencias. A pequenina mente de cada um de nós, dos da minha idade, que pela primeira vez entrava, ainda em botão, naquelle risonho theatro, acessivel a todo o feliz mortal que podesse dispôr de dois patacos, de lá saía, ao fim do espectaculo, desabrochada com opulencia em todas as suas petalas.

As revistas de Jacobety eram, por assim dizer, a *mise-en-scène* descabelada, quasi em pelote, e englobada em tres actos, de quantos sucessos patuscos haviam dado brado, pela busina dos jornaes, no decurso do anno findo. A pessoa augusta e irresponsavel do Rei era atacada ahi, em alusões e satiras, com a mesma violencia com que ainda hoje se ataca algum tambor em festa. As figuras dos Ministros appareciam no tablado tão fielmente reproduzidas nos signaes fisionomicos, na estatura e nos gestos, que, d'uma vez, um falecido estadista, a esse tempo secretario de estado dos Negocios da Marinha e do Ultramar, tendo-se dado ao desfastio de ir ver a sua figura em scena, e andando, num intervalo, a passear no corredor, vira chegar-se a elle um homemsinho baixo, bexigoso, muito açodado, agitando um papel na mão, e que, tomando-o por um braço, pretendia empurrá-lo, gritando-lhe esbaforido: — «Ande, homem, ande depressa, que o pano vae subir!.. » E esse homem aflito era, nem mais nem menos, o contra regra da peça! Nas scenas da revista do anno, como nos artigos e biscas dos jornaes, o pão era pão, o queijo era queijo, todas as coisas, emfim, como todos os factos, eram tratadas pelo seu verdadeiro nome.

Estas expressões benevolentes de agora, habitualmente empregadas nas descomposturas e verrinas chamadas «de luva branca», andavam longe da moda. Aquillo a que hoje se chama, ao fim de grandes rodeios, «a duplicidade de caracter de que é dotado o illustre homem de estado Hypacio»; ou aquella sabida «escassez de escrupulos que todos reconhecem, ainda mesmo os seus proprios correligionarios, na pessoa do nobre titular da pasta das Obras Publicas», suponhamos — era a essa data, sem mais ambages nem busca de palavras vãs, esta simples coisa: patifaria, maroteira, pouca-vergonha! Um jornal bem conceituado, orgão de um dos partidos constitucionaes, tendo no cabeçalho o nome de um ministro, publicava uma tarde certo artigo de fundo, que começava assim: «Arre malandros!» e todo elle visava, quanto a um bom atirador é possivel visar o seu alvo, as sete individualidades omnipotentes dos membros do Governo. Ninguem retrucava, ninguem se considerava offendido; a querela por difamação era uma coisa ideal.

Dois ou tres duelos, que ficaram memoraveis, tiveram sua origem em méras questões literarias, debatidas entre amaveis adversarios mistificadores, que, a pretexto de liquidarem a pendencia no campo da honra, acabavam por improvisar galhardamente algum almoço no campo.

Quem não queria ser lobo não lhe vestia a pelle; e quem se atrevia a vesti-la ficava depois com um tal medo d'ella, que não sabia já onde metter-se para a ter bem segura.

A vida nacional tornara-se uma verdadeira toirada. Ramalho e Eça, dando-se a alternativa, enterravam as suas *Farpas* no cachaço amplo de cada ridiculo que saltasse na praça. Nos intervalos, Gomes Leal levantava-se do seu logar da bancada, esmurrava a atmosfera, e proclamava a *Traição*, sem graves consequencias. O proprio general das Guardas Municipaes, terriveis na conquista das criadas de servir, obtivera do seu trato com o povo, complacente e alegre, esse inofensivo, familiar, diminutivo de — General Macedinho...

Como tudo mudou nestes trinta annos, bem o sabemos todos nós. Abusou-se muito da liberdade e não foram as revistas do anno que pecaram menos por isso. A obscenidade substituiu a pilheria, o humorismo deu logar ao chasco, e em vez das allusões decentemente encapotadas a pessoas em evidencia e a factos notorios, em vez da graça sem offensa: entrou-se escancaradamente no regimen da offensa; offensa ao caracter, offensa ao merito, offensa á auctoridade, offensa á moral.

A policia, dada a brandura dos costumes, só interveiu deveras quando já os auctores do theatro haviam creado e implantado no gosto depravado do publico o genero revista, tal como ella chegou a ser em Portugal. Graças a esta intervenção, tardia embora, a revista do anno atravessa finalmente uma crise dilacerante e, se não estamos em erro, exterminadora. Veja-se o que aconteceu á que se representou no Principe Real todo o inverno, e logo depois á da Trindade. A primeira só tinha vivido da caricatura do Sr. João Franco e da troça do seu reinado; a segunda, que já ia p'la mesma, estava para subir á scena quando o Sr. João Franco se exilou, e o que ficou d'aquillo que ella deveria ser não chegou sequer para meia duzia de casas boas.

Por tudo isto nós só temos que congratular-nos com o publico e com os auctores de boas peças, porque vae chegar a vez das boas peças poderem ser postas em scena, já sem a temivel concorrencia das revistas.

João Prudencio.

# O DESCOBRIMENTO DO BRASIL

## Pedro Alvares Cabral divisa no horisonte o signal de terras do Brasil

QUADRO DE MALHÔA

O feliz descobrimento do caminho da India por Vasco da Gama, animou El Rei D. Manuel a mandar aparelhar uma nova frota, nomeando para seu comandante Pedro Alvares Cabral, que Vasco da Gama indicara ao monarca, conforme diz Gaspar Correia, nas *Lendas*.

Pedro Alvares Cabral descendia de uma muito nobre familia que, parece, tinha sua origem em Castéla, em época anterior á monarquia portuguêsa. Assim os ascendentes de Alvares Cabral ocuparam altos cargos e senhorios de Azurara, Tavares e Manteigas, como as alcaidarias dos condados da Guarda e de Belmonte para toda sua descendencia.

Seguindo a genealogia de Pedro Alvares Cabral encontramos que elle era filho de Fernão Cabral e de D. Isabel de Gouveia, filha de João de Gouveia, alcaide-mór da Covilhã e de Castélo Rodrigo.

Foi este o ilustre fidalgo e capitão que El-Rei D. Manuel investiu na dificil e arriscada missão de ir á India concertar aliança com o rei de Calicut e ali estabelecer uma feitoria iniciadora do nosso comercio com o Oriente.

O destino, porém, marcara que outra seria a sorte da empresa de Alvares Cabral, pois que na sua viajem havia de deparar com outras terras que tanta ou maior grandesa trariam ao seu descobrirdor e a Portugal.

Foi em um domingo, a 8 de março de 1500, que Alvares Cabral embarcou, com grande luzimento e aparato a que, para maior brilho, El Rei D. Manuel assistiu, tendo antes todos ouvido missa de pontifical celebrada pelo bispo de Ceuta D. Diogo Ortiz, na capéla de Nossa Senhora do Restelo, o qual tambem fez o elogio do ilustre comandante da frota que ia afrontar os mares da India.

Deslumbrante foi esse embarque, que o nosso João de Barros descreve, nas suas *Decadas*:

«Assim se viam todos com suas librés e bandeiras de côres diversas, que não parecia mar mas um campo de flôres, com a frol daquella mancebia juvenil que embarcava. E o que mais levantava o espirito destas cousas, eram as trombetas, atabaques, sestros, tambores, frautas, pandeiros, e até gaitas, cuja ventura foi andar em os campos no apascentar dos gados, naquelle dia tomaram posse de ir sobre as aguas salgadas do mar nesta e outras armadas que depois a seguiram, porque para viagem de tanto tempo, tudo os homens buscavam para tirar a tristeza do mar.»

De dose caravélas, entre grandes e pequenas, se compunha a frota, de que Pedro Alvares Cabral, era o chefe, e Sancho de Toar segundo comandante, levando por capitães Simão de Miranda, Ayres Gomes da Silva, Vasco de Athayde, Nicolau Coelho, Bartholomeu Dias, Diogo Dias, irmão daquelle, Nuno Leitão, Simão Pina, Luis Pires e Gaspar de Lemos.

Não poude a frota naquelle dia fazer se ao mar, em consequencia de vento ponteiro que se levantou, mas na segunda feira, 9, impavesou suas vélas ao vento e com a bandeira das quinas içada nos topes, beijada pelo rei dos astros, la singrou em busca de novas glorias.

Vejamos agora o que diz Pedro Vaz de Caminha, no seu roteiro, na parte que se refere como primeiro viram a terra do Brasil.

Diz Vaz de Caminha que foi na terça feira, 21 de abril, segunda oitava da Paschoa, que viram alguns signaes de terra. «Estavamos então, segundo o calculo dos pilotos, a umas 660 ou 700 leguas distante da mencionada ilha de S. Nicolau. Consistiam esses signaes evidentes de proximidade de terra na muita quantidade de ervas compridas que boiavam sobre as aguas, a que chamamos *botelho*, e tambem umas outras de nome *rabo de asno*. Na quarta feira de manhã vimos umas aves a que chamam *fura-buchos* e neste dia, ao cahir da tarde, divisámos terra. O que primeiro vimos foi um grande monte muito alto e redondo e outras terras mais baixas ao sul delle, ás quaes se seguiam umas terras chans cobertas de grande arvoredo. Ao alto poz o capitão o nome de *Monte Paschoal* e á terra a designação de *Terra de Santa Cruz*.»

Estava descoberta a primeira terra do Brasil, assunto do bello quadro de Malhôa, que reproduzimos na gravura da primeira pagina deste numero.

Neste quadro se vê o grande capitão arrimado a amurada do seu navio, olhar fito no horisonte onde mal divisa ainda o negrejar da terra na distancia, mas que é um negrejar que, para olhos experimentados na visão dos mares, não engana, não se confunde com o negrume de qualquer nuvem carregada.

Os da caravéla observando a atitude do seu comandante, detêem-se a investigar o horisonte e não tardará que a alegria os domine ao percebe-rem que tem terra pela prôa.

A surpresa é manifesta na expressão de Alvares Cabral, que não esperava em sua derrota encontrar terra na altura em que julgava estar. Se a atitude das figuras exprimem bem a situação, o colorido e a côr, em que Malhôa se mostra um verdadeiro pintor deste país de sol, dão toda a magia ao quadro, que seguramente não é dos menos brilhantes do artista.

Este quadro foi encomendado pelo Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, que o destina a uma das suas salas, pelo que damos os parabens á benemerita e patriotica agremiação pela excelente aquisição que fez, e a Malhôa por mais uma bella obra de arte que seu talento produsio.

C. A.

# AFFONSO D'ALBUQUERQUE

POR

**José Carlos de Gouveia**

Tal é o titulo d'um poema sahido á lume na Imprensa Moderna, do Porto, em 1907.

O auctor sr. José Carlos de Gouveia, cujo retrato precede o poema no volume que contém, é para mim pessoa quasi desconhecida e não me lembro n'este momento de haver lido outra composição sua.

O *Affonso d'Albuquerque* abre com um *Prologo*, em verso, ao qual seguem dez cantos de estructura não homogénea, declarando o autor n'um introito explicativo o seguinte a este respeito:

«Pensei em compôr o poema todo em estrophes camoneanas, oitava rima; desisti por evitar a monotonia e maior fadiga ao leitor, e por transigir um tanto com o systema e gosto moderno.»

No fim do poema inseriu o auctor algumas paginas de notas extrahidas das fontes historicas a que recorreu para levar a bom termo o seu trabalho a que me refiro.

Não se me afigura este a obra genial que haja de occupar uma ordem proeminente na bibliographia da posteridade em relação ás producções litterarias dos nossos dias, pondo em todo o relevo da legitima grandeza o vulto gigantesco do creador do imperio portuguez no Oriente.

Para isso requeria-se engenhos de proporções analogas áquellas que definiram o épico immortal nas estancias dos *Luziadas;* mas vale, não obstante, o poema do sr. José Carlos de Gouveia e vale como testemunho de merecimento incontestavel e como plano de sentimento proprio a despertar na alma dos leitores o ideal de nobreza e de virtude civica, em que podem reviver provadas dedicações de amor patriotico e decididos estimulos de impulsos insignes.

E' séria a poesia e faz bem a sua leitura, onde a India se nos mostra no colorido typico dos factos do passado glorioso e em acerto de registos compativeis com a liberdade imaginativa adequada aos poetas.

Vê-se pois que não é do numero das banalidades irritas, escorrendo a esmo para as mãos do publico ludibriado, o poema *Affonso d'Albuquerque;* mas o meio accusa completa ausencia de predicados aproveitaveis e só na baixa politica se

enthusiasmam tantos cubiçosos que afastam para longe de si qualquer obra em que possa adivinhar se lição austera e dever cumprido.

Vou habilitar os leitores ao apreço directo do poema transcrevendo o *Prologo* na integra:

«O genio aventuroso, que preside,
Da humanidade ás lides; ás equoreas,
Procellosas miragens; que dos seculos
Sem limite guiou na immensidade
Emigrações sem fim; que ao occidente
Dos Aryas arrojou a turba omnimoda,
Torrente irresistivel, que inundára
Os páramos sombrios, as devezas,
A enorme vastidão, deltas, planicies,
Os rios, as torrentes, as montanhas
Desde o Hymalaia ao Tigre, ao Volga, ao Caucaso,
Ao Helosponto, aos Alpes e Apenninos,
Ao Rheno, ao Calpe, ao Atlas, aos profundos
Abysmos rumorosos do Atlantico;
Que atravez das édades conglobára
As raças mais diversas, predispondo
Da sciencia, das artes, do progresso,
Da civilisação as harmonias,
Por entre a confusão, o immenso báratro,
Por entre o impossivel a concordia;
Esse genio, a razão, a natureza,
Mais tarde ás regiões da India adusta,
Por sobre ignotos mares, em roteiros
D'enorme vastidão, do extremo occaso
Arrojou o refluxo ao oriente;
Fazendo convergir de tempos novos,
D'idéas tambem novas o iriado,
Descomedido cumulo.

Um prodigio
Sem duvida foi isso! A estreita faixa,
Um atomo no globo, um povo exiguo,
O portuguez indomito, arrojado
O milagre operou. Nas eras pristinas,
Nos tempos nebulosos diffusissima,
Immensuravel fôra, e longa a serie
Das vastas migrações, continuos exodos
Que, ao accaso trouxeram successivas
Innumeraveis hordas, crenças varias,
E castas bem diversas, mas provindas
D'um foco universal, bem homogeneo,
D'uma origem commum. Iberos, Celtas,
Phenicios e Mongoes, Assyrios, Gregos,
Tudo o grande oriente rojou prodigo
D'este occidente ás plagas. E este agora,
Das eras medievaes, no paroxismo,
A invasão retribue, levando idéas,
Sciencias, principios vastos, novos
Das civilisações á lauta origem,
Ao morbido oriente, ao Indo, ao Ganges.

D'essa invasão de luz, de firmes crenças,
D'essa caudal fecunda foi vanguarda,
Extremo propulsor um povo exiguo,
Previdente e audaz, astuto, intrepido,
Generoso, fiel, desint'ressado,
O povo portuguez. Tenaz, estoico,
Atravez do ignoto, de mil p'rigos,
Só elle é que inventou, levou ao cabo
A cruzada bemdita, a longa empreza,
Que incognitos roteiros, horisontes
Sublime desvendou á humanidade,
A' sciencia, ás industrias, ao commercio,
A's seducções do genio; predispondo
Das crenças a fusão, o mui fructifero
Abraço do Evangelho aos priscos Vedas,
Do genio de Camões ao Ramáyana,
A's lendas mais subtis, aos esplendores
Da incrivel, nebulosa antiguidade.

E d'essa concepção, d'esses designios,
Da empreza colossal e meritoria,
Da cruzada proficua e refulgente,
Foi o grande Albuquerque o mais eximio,
Constante paladino. Hoje, passados
Quatro seculos mais, é que justiça
Bem completa se faz ao nobre vulto,
Que intentou cimentar o predominio
Do nome portuguez no largo ambito
Das Indias e dos mares; audacioso
Erigindo uma sédé, a base solida
D'imperio colossal, que no futuro
Affrontasse as procellas, cataclysmos,
Que as nações, as idéas á voragem
Arrojam inflexiveis. Hoje attonitos
Contemplamos o forte, o destemido,
Que um povo pequenino quiz no mundo,
Quiz na historia tornar bem formidavel,
Ingente, grandioso, realisando
O que muito depois fazer só poude,
Uma grande nação, a Inglaterra.

A Bartholomeu Dias coube a gloria,
D'encontrar o caminho, ultrapassando
O hirsuto Adamastor; sombrias lendas
Pulverisando emfim. Vasco da Gama
Erige-se immortal, invio roteiro
A' meta conduzindo, desvendando
Perante a Europa extatica das Indias
Os mares, reunidos ao Atlantico.
O Albuquerque cerra o golfo Arabico,
E assim o golfo Persico, os caminhos
Tradicionaes, vetustos, ao commercio
Fechando; ao islamita despojando
Do fructo das victorias de dez seculos.
No golfo de Cambaya a séde erige,
D'imperio colossal; consolidando
Da intrepidez, arrojo e heroicidade,
D'inauditas façanhas o producto.
Confirmar inda foi novas derrotas
Ao extremo levante, içando altivo
A bandeira das quinas em Malaca,
Em Sumatra, em Java, n'esses bosphoros,
Que as portas são da China e das innumeras
E portentosas ilhas, sequestradas
A's luzes, ao progresso, á humanidade.

E assim esta nação, a estreita faixa
Do extremo occidental, amplo diluvio
De civilisação, da nova indole
Dos tempos, despediu nas dilatadas
Regiões do levante, nas amplissimas
Distancias, que mil povos, que cem raças,
A Lybia, a Asia, os tropicos abarcam.
E p'ra que tudo aqui no que é pequeno,
Fosse grande, sublime e radioso,
O epico gigante, o genio augusto,
O principe dos vates, maior lyrico,
O rei dos trovadores, novo Homero,
O immortal Camões tambem foi luso;
Em Portugal nasceu; no luso idioma,
Que eternisou, desferiu excelsos canticos;
Jungiu a epopeia; alçou nos evos
As proezas sem par, os heroismos
D'esta terra da patria sua amada,
D'este atomo invisivel, diminuto,
Que as amplidões, que o proprio mundo encerra.

Aqui tambem floriu, librou seu estro
Outro vate eminente, e portentoso,
O fundador audaz da farça e drama,
Da comedia mordaz, do vôo satyrico.
O grande Gil Vicente, augusto emulo
Do eximio Rabelais; de Moliere
Genial precursor; que inimitavel
Ligou os medievaes usos e eclogas
Da renascença aos cantos; genio critico,
Que soube ao fanatismo, á intolerancia,
Aos despostas dizer rindo a verdade;
O passado, lembrar, ler no futuro.»

Hoje, nem já parece que nos movam ou commovam as «lembranças» do que foi, hoje.

«E' morto o grande heroe, o fundador emerito
«Do imperio levantino; a encarnação sublime
«Do typo portuguez; ......»

Uma falta enorme nos abastarda e separa cada vez mais da sombra do *terribil*, — a falta de educação, dentro e fóra do analphabetismo espantoso!

«E' morto» — affirma com a propriedade das coisas certas o auctor do poema, e é morto para sempre talvez o effeito de prestigio moral com que podia levantar nos da crapula vergonha se fossemos ainda susceptiveis de comprehender e procurar imitar os seus actos de isenção perfeita e de interesse pela patria.

Em que logar existem os restos mortaes do conquistador de Gôa?!... ?!... ?!...

D. Francisco de Noronha

## THEATRO DA AVENIDA

### A Filha das Ondas

Não resta a menor duvida que a peça phantastica é o genero de theatro que mais agrado desperta no nosso publico, apesar de contra isso barafustarem certos litteratos, mais ou menos authenticos, alcunhando-o até de ignorante. Mas a verdade é que o publico tem carradas de razão em cingir se ao velho proloquio *tristezas não pagam dividas*, preferindo desanuviar a alma com boa scenographia, engenhosos machinismos, ricos guarda-roupas, apetitosas plasticas, linda musica, situações comicas e ditos de espirito, a aborrecer-se com estopantes producções pseudo-dramaticas, na sua maioria, sem thése, ferteis em utopias e vasias de bom senso.

As emprezas theatraes conhecem muito bem as tendencias dos espectadores, mas nem todas se abalançam a semelhante commettimento por demandar de grande empate de capital. A do theatro da Avenida, porém, com o desassombro que já tinha demonstrado com a escriptura da mais numerosa companhia dramatica que pisa os nossos palcos, não se poupou a sacrificios de especie alguma, e, perfeitamente orientada por um gerente illustrado e bastante conhecedor do *metier*, arcou com todas as responsabilidades inherentes, pondo em scena com o preciso luzimento a magica de grande espectaculo *A Filha das Ondas*.

E tem visto corôado o seu esforço, porque o numero de recitas que a peça conta é já avultado e promette continuar a sua carreira triumphal.

Era de esperar este bom resultado, devido não só ao luxo como está posta, que de per si bastava para chamar a concorrencia, mas muito principalmente pelos bellos requisitos que a *Filha das Ondas* offerece, e pelos quaes felicitamos o seu illustre auctor o nosso presado collega Luiz d'Aquino. E' uma peça moderna, com os imprescindiveis caracteristicos da magica descriptos com leveza e engenho, e polvilhada de engraçadissimos *couplets*, a que dá excellente colorido a inspirada e deliciosa musica de Carlos Calderon, um dos compositores mais felizes que teem apparecido no nosso mundo scenico.

LUIZ DE AQUINO

Além d'este precioso cooperador, teve Luiz d'Aquino a seu lado para o engrandecimento da sua interessante obra, o *savoir-faire* de Antonio Gomes, como actor distincto e ensaiador habil; a batuta auctorisada do maestro Capitani como director da orchestra; e um desempenho correcto por parte dos artistas do theatro da Avenida, em que sobresahe a formosa e notavel actriz-cantora Dolores Rentini, a estrella rutilante da companhia.

Esta antiga revista, cuja missão, nunca desmentida, é estar sempre a par com os multiplos successos que se vão desenrolando com o andar dos tempos, não podia ficar silenciosa deixando sem registo a representação da *Filha das Ondas*, que mereceu os applausos unanimes da imprensa diaria e que, não será favor classificar de acontecimento theatral. Refere-se, portanto, hoje, ao facto n'este despretencioso artigo e insere o retrato do auctor e o instantaneo d'uma das scenas mais principaes da apparatosa magica.

Pedro Pinto.

## A vila de Espinho invadida pelo mar

Ainda o anno passado aqui nos referimos aos estragos causados pelo mar em Espinho (1) e agora novamente temos a registar maiores estragos do mar que vae crescendo rapidamente sobre a povoação, derruindo-lhe o melhor de suas habitações até que todas desappareçam completamente.

Não será para admirar que se dê esse desapa-

(1) Vidé Occidente, vol. xxx, 1907, pags. 79 e 80.

recimento, atendendo á presistencia com que nos ultimos annos o mar vae cada vez mais invadindo a terra, e á falta absoluta de defeza que encontra, sem uma muralha, quebra mar ou outras obras de arte que se oponham ás suas continuas investidas.

Não é de boa administração publica deixar ao abandono povoações que, como a de Espinho concorrem para a riqueza publica com suas industrias, dotadas de condições naturaes aproveitaveis para explorações como é a praia de Espinho, uma das melhores da costa de Portugal, já vantajosamente conhecida e apreciada por nacionaes e estrangeiros que a ella concorrem na estação propria.

Entretanto, apesar do mal vir já de cerca de desaseis annos, é certo que nada se tem feito para o combater e remediar, deixando-se a vila á mercê do mar que della se vae apossando.

A moderna povoação, se póde dizer, pois não conta mais de meio seculo, viu, nesse curto lapso de tempo, crescer as suas edificações, desenvolver sua industria, especialmente a de conservas, viu acorrerem á formosa praia centenares de banhistas, concorrendo para a sua riqueza e progresso, e tudo isto vê agora a desaparecer.

O mar principiou por invadir e destruir as primeiras habitações de pescadores mais proximas da praia; depois foi avançando sempre e derruiu edificios mais importantes incluindo a capéla da Senhora da Ajuda e continuando sua obra de destruição chegou ao mercado, a predios de importancia e aos paços do concelho.

E' nestas circunstancias que uma comissão de pessoas importantes da vila veio agora a Lisboa entregar ao governo uma representação assignada por grande numero de habitantes da mesma, pedindo providencias.

O sr. presidente do conselho, interessando se pela situação aflitiva do povo de Espinho, lembrou a possibilidade de um emprestimo com garantia de juros do governo, para proceder ás obras necessarias, para o que enviaria um engenheiro para proceder aos competentes estudos.

De facto o governo, pelo ministerio das obras publicas, vae nomear para esse fim uma comissão de engenheiros composta dos srs. Joaquim Filipe Neri da Encarnação Delgado, Adolfo Ferreira Loureiro, João Thomaz da Costa, André de Proença Vieira e João Henrique Von-Hofe.

CONSELHEIRO JOSÉ CARLOS DE GOUVEIA
AUTOR DO POEMA «AFFONSO DE ALBUQUERQUE»

## A revolução de Pirmasentz

POR A. KARR

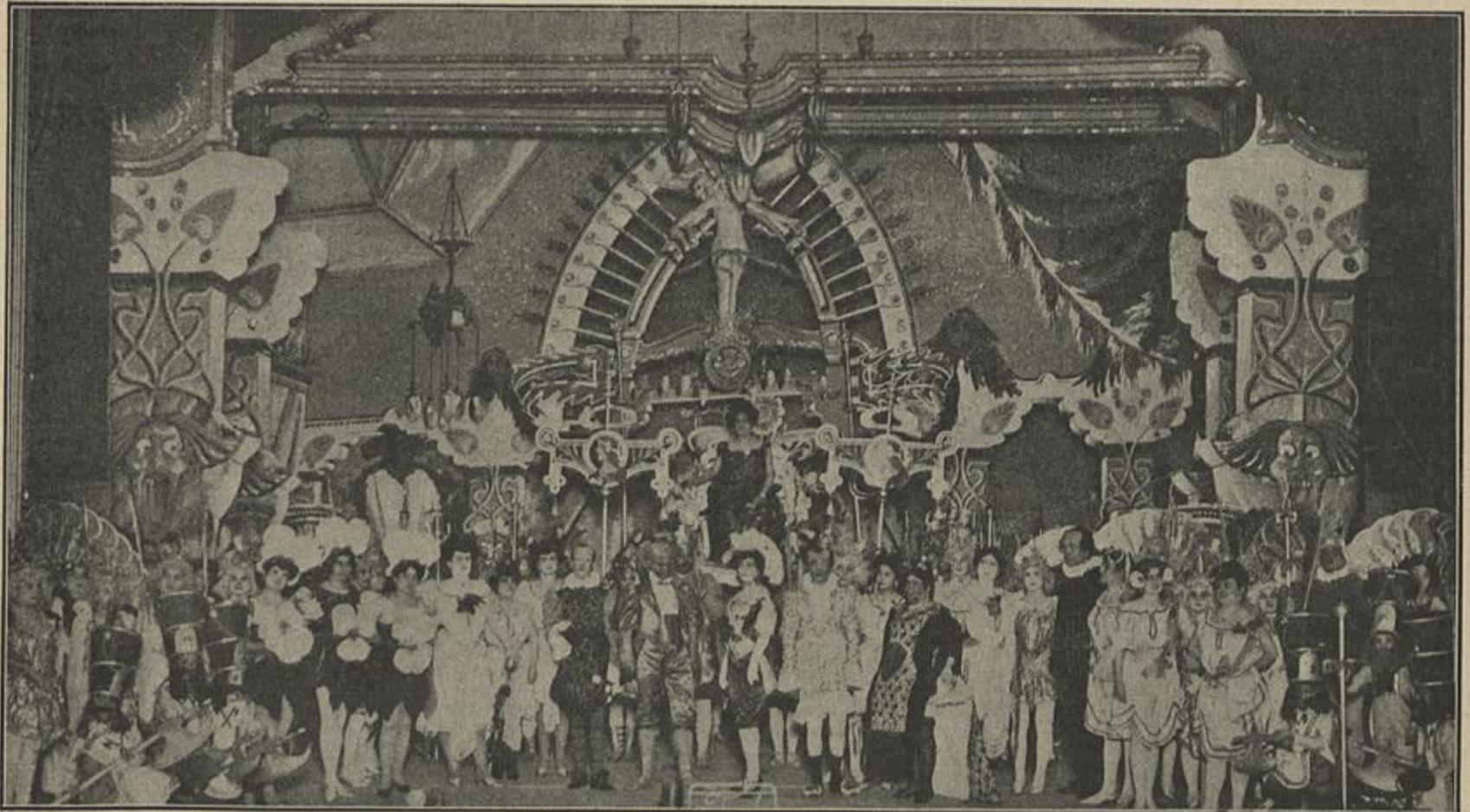
III

Parece que o viajante francez se dava perfeitamente na côrte do Principe Ricardo, porque passavam-se os dias e elle não fallava de se retirar. Ricardo achava a sociedade d'este homem muito agradavel. Elle era da primeira força ao bilhar, lembrava-se de uma infinidade d'anecdotas e quando se não lembrava inventava-as. O Barão de Robrecht até não tinha ciumes d'esta predilecção do principe. Mr. Roseville sabia com tanta delicadeza testemunhar o seu respeito pela alta capacidade e illustre nascimento do Barão! E nunca se entremettia nos negocios do estado!

Um dia Mr. Roseville achou o principe e o seu ministro muito preocupados; quiz logo retirar-se, mas Ricardo lhe diz:

— Entre, sr. Roseville; ha já umas duas horas que eu peço ao ceu que me enviasse alguem para se acabar esta audiencia que o sr. Barão me pediu; e portanto ha tambem já duas horas que o Robrecht me explica com a maior clareza e verdade, que eu sou a testa coroada mais pobre que existe em toda a Europa.

O Barão acotovellava o principe, e com gesto supplicante pedia-lhe que não revellasse diante de um estrangeiro taes miserias.

# Teatro da Avenida

UMA CENA DA MAGICA «A FILHA DAS ONDAS» DE LUIS D'AQUINO E MUSICA DE CALDERON

*(Cliché Alberto Lima)*

— Nada receies, Robrecht; julgas que Mr. Roseville ainda não percebeu a nossa pobreza. Elle, pelo contrario, até vae rir-se comigo da minha ridicula posição. Já gastei dois annos adiantados das minhas rendas; o judeu que me tem feito emprestimos, diz que não tem mais dinheiro, e eu já não possuo mais penhores, porque só me resta a minha corôa, porém essa nem os usurarios a aceitam porque não é de ouro. Toma sentido, Robrecht; agora, até nova ordem, vaes estabelecer a maior economia na despesa da minha casa; manda trabalhar na quinta esses creados que hontem a mais tomaste. Vamos viver como estudantes. Mr. Roseville, até hoje, tem sido tratado como um hospede, porém agora é preciso que passe á condição de amigo, porque sómente a um amigo nós podiamos convidar para participar da nossa pobreza.

— Vossa Alteza, atalhou Robrecht, está fallando como se fosse para ahi um *mecanico*, ou qualquer burguez... Não tem Vossa Alteza o grande recurso em alguma das suas tão nobres e ricas primas para a pedir em casamento? E por muito embaraçada que esteja a sua casa, um bom casamento não nos poderia salvar?

— E ainda, disse Mr Roseville, outros muitos recursos tem Vossa Alteza, sem lançar mão de aquelle, que a alta sabedoria e profundo juizo do sr. Barão de Robrecht aconselha: não poderá Vossa Alteza tentar qualquer industria ou alguma empreza commercial?

Mas Mr. Roseville, olhando para a cara do Barão, e n'ella conhecendo o effeito que produsiria em toda a nobreza da confederação germanica, a idéa de um principe allemão fazer-se commerciante ou industrial, acrescentou:

— Mas perdão, não digo isto para Vossa Alteza figurar em uma posição inferior á sua nobre qualidade; entende-se que eu correria com todos os riscos das emprezas; ainda que no meu paiz os mais illustres e ricos fidalgos teem fabricas e estabelecimentos commerciaes: um dos mais antigos titulares de França vende ananazes.

Aqui, o Barão de Robrecht meneou a cabeça e encolheu de certo modo os hombros, o que queria dizer, em bom allemão, coisas muito desagradaveis para os brios da fidalguia franceza.

— A empreza que eu pretendo fundar, continuou Mr. Roseville, é uma empreza collossal, é para duplicar logo o capital, e para o futuro ainda os lucros seriam maiores. Eu peço licença a Vossa Alteza para estabelecermos uma grande fabrica de papel. Eu serei o socio industrial, e Vossa Alteza o capitalista incognito.

— Porém, meu caro Mr. Roseville, a respeito d'essa bella proposta ha sómente uma pequenina difficuldade: — assevera-me que se pode duplicar o meu capital; mas eu não tenho capital. Eu bem desejaria associar-me a essa empreza, mas se eu não tenho dinheiro... E' verdade que posso fazel-o barão, se Mr. Roseville assim o desejar, ou mesmo condecoral-o com as ordens do Rinecerونte azul, ou do Urso verde: honras, quantas quizer, porém dinheiro, isso não tenho.

— Sem dinheiro nada se pode, disse Mr. Roseville — *aurum aurum*. Entretanto, poderemos dar começo á empreza com menor desenvolvimento; alguns milhares de florins bastarão: e quando Vossa Alteza observar os admiraveis lucros que vamos decerto auferir, então não hesitará em procurar novos e maiores recursos.

— Olha lá, Robrecht, disse Ricardo, podes ver se o teu Judeu ainda quer emprestar-me alguns milhares de florins... Elle já lá tem dois annos adiantados das minhas rendas, e pode fazer-se principe durante esse tempo, o que para mim seria uma fortuna para descançar um pouco do trabalho de reinar.

O homem, que emprestava dinheiro ao principe, era um pobre judeu que trabalhava em casa do tio de Guilhermina. Por alguns florins este era testa de ferro de Mestre Roberto, o qual já possuia mais de dois terços dos bens de Ricardo.

O judeu, representante do alfaiate, pediu uma hypotheca, que lhe foi dada, a qual era o proprio palacio, solar do principe, e a unica propriedade que lhe restava!

Entretanto, o estudante Henrique comprometia bastante o pobre principe. Mestre Roberto tinha-o destinado para esposo de Guilhermina, ainda que os modos vulgares e a conducta irregular do mancebo desagradaram muito á sua prima. Henrique tambem da sua parte não

A VILLA DE ESPINHO DESTRUIDA PELO MAR

Aspectos das ruinas

*(Fotografias do sr. Moreira Ramos)*

fazia esforços alguns para vencer esta visivel antipathia. Henrique passava todo o dia nas tabernas a prégar logares communs, a outros que taes mandriões, como elle. Explicava-lhes os direitos do homem; fazia-lhes comprehender que todos os reis eram necessariamente uns tyrannos; que os nobres, que os reis e que os padres, são todos uns falsarios, uns assassinos, uns incendiarios, etc.

Henrique atribuia sempre ao governo todo o mal que acontecia ao paiz. O club democratico instituido pelo tribuno Henrique tinha as suas sessões regulares e quotidianas. Do axioma adoptado, que todos os reis são uns tyrannos, tirava-se a conclusão, que o Principe Ricardo era um tyranno, e do axioma que os povos devem derrubar os tyrannos, seguia-se que os habitantes de Pirmasentz deviam derrubar o Principe Ricardo.

Entretanto o Principe Ricardo vendeu dois dos três cavallos que tinha, e despediu com bastante pena quatro creados. Mas para se consolar ensaiava symphonias novas com os seus musicos, pescava cada vez mais á linha, e ia passar nas proximidades da casa do alfaiate, onde por acaso frequente e regularmente encontrava sempre a bella Guilhermina.

*(Continúa.)*

*(Trad.)* F. S.

# A VELHA LISBOA

(Memorias de um bairro)

## CAPITULO XIV

SUMARIO

O palacio Lousã — Duas lojas dignas de menção — Alguns livreiros do sitio — A casa onde faleceu Rebello da Silva — A rua do Monte-Olivete e a travessa do Monte do Carmo — Outras ruas do bairro — O chafariz da praça das Flores e o Hospicio dos missionarios do Varatojo — Onde se mencionam os bailes da rainha Jacinta — Uma ermida do Senhor Jesus dos Aflictos e o Seminario Patriarcál — A rua da Penha de França — O Pombal — De onde deriva esta designação — Varios documentos elucidativos — A rua nova de Santo Antonio e a ermida do mestre de obras Jorge Rodrigues de Carvalho — As seis moradas da paroquia da Encarnação — Fala-se na olaria do Pombal — A casa dos Soares — Pára o autor diante do solar e esmiuça a genealogia dos fidalgos — Limites conjecturaes da quinta da Cotovia — De André Soares a D. Maria de Faro — De D. Maria de Faro a D. Rodrigo de Noronha — Como se desmembrou o morgado — O destino da quinta — Forma-se sobre esse terreno o bairro do Pombal — A casa de André Soares — Dificuldades da sua reconstituição — Dois hospedes notaveis — O infante D. Duarte e Domingos Leite, o regicida — D. Rodrigo Antonio de Mello, o ultimo morgado aluga, e vende depois, o lar de seus avós.

No trôço da rua da Escola, comprehendido entre a Patriarcál e a rua da Imprensa, temos a notar, do lado oriental, o palacio com os numeros de policia 38 a 46 onde, em 1813, habitavam os condes da Lousã e onde mora actualmente a senhora condessa do Restello. Sobre esse edificio julgo haver noticias interessantes n'um trabalho genealógico a que anda procedendo o infatigavel linhagista Visconde de Sanches de Baena.

Dos meus apontamentos pouco consta a seu respeito. Da dificuldade em manusear e consultar os titulos das propriedades resulta esta ignorancia sempre lamentavel.

* * *

Do outro lado da rua duas lojas ha que, por sua antiguidade, merecem especial referencia.

Uma é a Confeitaria, Portuguêsa, do sr. Antonio Rodrigues Mauricio, fundada, em 1838, por Maria da Madre de Deus, filha da nossa celebre padeira bairrista que tinha o seu estabelecimento á esquina da rua de S. Marçal, onde hoje está a sucurssal da padaria Taboense, e que dava pelo nome de Serafina. O seu actual proprietario comprou a á viuva de Luis Lino Nunes, neto da padeira, cujo nome ficou vinculado á loja, e segue, no fabrico das guloseimas, as tradições gloriosas da casa.

O outro estabelecimento é a Ferradoria do José Russo, excelente homem, tipo eminentemente caracteristico que passava os dias á janella rés do chão da sua loja, apoiando a face, barbáda á *passa-piolho* nas mãos enormes, calejadas por quarenta annos de trabalho. No exercicio desse mister, outr'ora rendosissimo, logrou ajuntar bastos cabedaes com que em testamento beneficiou varias pessoas. A oficina ficou aos empregados e ainda hoje se conserva em plena actividade.

* * *

Defronte do colégio dos nobres havia, em 1761, uma loja de livreiro que era de Manoel Carvalho.

Na gazeta de 1836 vem anunciada a mesma loja como pertencendo a Thomás José da Guerra.

Abundavam por estes sitios as lojas desse genero de negocio.

Na rua do Pombal (actual rua da Imprénsa) havia, em 1756, a loja de Christovam da Silva. Na rua de Nossa Senhora da Conceição, ao Pombal, estava estabelecida, dois annos depois, uma oficina tipográfica pertencente a Francisco Luis Carneiro, perto de um outro livreiro de nome José dos Santos. (1)

Mais abaixo um pouco, na rua de Nossa Senhora dos Práseres, esteve tambem a oficina onde se imprimiam as gazetas de Lisboa *junto a umas casas nobres pintadas de verde* explica o anuncio, inserto em uma d'essas folhas. (2)

Estas casas, naturalmente, eram as de moradia da familia Padilha, ilustre e preclara prosápia. (3)

* * *

No segundo andar, sul, do predio n.º 61 da rua da Escola, que torneja para a de Monte-Olivete, faleceu, em 19 de setembro de 1871, com cincoenta annos incompletos, Luis Augusto Rebello da Silva, figura brilhantissima do seu tempo, orador, economista, dramaturgo, critico, romancista e historiador.

Fixemos esta noticia como preito subsidiário á sua memoria.

* * *

Já ficou dito, no segundo capitulo, a origem remota da designação da rua do Monte-Olivete.

Desça-a comigo o leitor e verá uma rua vulgarissima, incarecteristica, como em geral todas estas arterias que se cruzam entre a rua da Escola e São Bento, traçadas e alinhadas na extensa propriedade rustica dos opulentos Soares de Noronha.

Alguns metros andados cruza-se com esta outra rua, que liga a da Procissão á serventia conhecida pelo nome de rua da Penha de França. E' a antiga *rua dos Nobres*, crismada depois para *Travessa do Monte do Carmo.*

Mais abaixo, obliquando para o poente, está a *travessa de S. Francisco de Borja*, cuja continuação até ao Pombal foi conhecida pelo nome de *Travessa do Seminario* e de ahi por diante, até o seu termo, pela de *travessa Nova de Santo Antonio.* (4)

Descida a rua desembocamos no estreito largo do chafariz que abastece o bairro da praça das Flores (odorifero nome que recorda algum canteiro florido da quinta, cuidado, talvez, pelas delicadas mãos das fidalgas da Cotovia) de onde parte, empinando se para o norte a *rua de Nossa Senhora da Conceição.*

Ahi n'um terreno, que hoje se encontra vedado por um tapume, tornejando para a Penha de França, foi, em tempos de picarêsca folia, o recinto dos decantados bailes da rainha Jacinta de negra memoria. Não sei se é por homenagem á soberana que esse tapume se conserva ainda hoje pintado de preto. (5)

(1) Gazetas de Lisboa dos annos respetivamente citados.

(2) A oficina tinha vindo para ali da rua de Arroios e de ali se mudou em maio de 1757, para a parte debaixo do Chafari de S. Pedro de Alcantara, junto ao picadeiro do conde de Castello-Melhor.

(3) A pag. 68 do tomo 5.º da *Lisboa Antiga* diz o sr. Visconde de Castilho ter ainda conhecido esse palacio armoreiado com o escudo dos Padilhas, e onde ainda morava, em 1803, Pedro Norberto de Arcont e Padilha. No mesmo predio moraram tambem o Visconde das Fontainhas (em 1844). Fontes Pereira de Mello (em 1858, 59 e 60) e, em 1868, no andar nobre, José Maria Latino Coelho.

(4) Por edital do governo civil de 5 de agosto de 1867, atendendo-se ao pedido de alguns moradores da travessa de Santo Antonio, á Estrella e da travessa de Santo Antonio, ao Pombal e, para evitar confusões, (sic) foi determinado que essas serventias passassem, respectivamente, a chamar-se travessa nova de Santo Antonio, á Estrella, e travessa nova de Santo Antonio, ao Pombal. Como se vê d'aqui por diante eram impossiveis as confusões!!!

(5) Junto a esse recinto esteve tambem instalado o teatro-club Terpsicore, em um barracão de que ainda existem vestigios. E a proposito da rainha Jacinta ahi vae mais uma nota para a sua biographia.

Quando, ahi por 1867, a rainha estava já descaida do seu antigo esplendor e se finava á penuria, Francisco Palha, que era então emprezario da Rua dos Condes, organisou nesse teátro um festival em sua honra e beneficio, para o que foi coadjuvado por Guilherme Celestino, 1.º oficial do ministerio do reino, já falecido e pelo sr. Smitth, ainda vivo, e por outros de que não tenho noticia.

A infeliz soberana foi conduzida solenemente ao teatro, onde lhe haviam preparado um camarote de cortinados em que assistiu ao espetáculo. Este decorreu, como era natural, em constante entusiasmo, iniciando-se a récita pela marcha dos pretos de S. Jorge que a rainha e seus dignitarios ouviram de pé.

Depois disto, para de alguma fórma continuar a proteção á pobre Jacinta, organisou-lhe Francisco Palha uma côrte de duques, marquêses, condes e mais titulares, que em troca da mercê, passada em papel almasso, esportulavam algumas pratas para o cofre da combalida soberana.

O Visconde de Castilho (Antonio Feliciano) foi, por exemplo, nomeado Duque de Catumbella, em duas vidas. O actual Visconde, a quem o titulo ainda pertence incontestavelmente foi quem me comunicou esta curiosa noticia.

Junto a elle esteve, até os principios do seculo XIX, o hospicio dos missionarios do Varatôjo, fundado por el-rei D. José, em 1760; diz o padre João Baptista de Castro.

Paralelamente a esta serventia ficam ainda, para o lado de S. Bento, *as ruas da Madre de Deus* e *de Nossa Senhora dos Prazeres*, ligando a Pombal á *rua Nova da Piedade.* Na primeira dellas houve, nos fins do seculo XVIII, uma ermida da invocação do Senhor Jesus dos Aflitos que talvez fosse dependencia do Seminario Patriarchal que ahi esteve instalado e que dava o nome á proxima travessa englobada hoje na rua Nova de Santo Antonio.

* * *

A' rua da Penha de França não sei onde buscar-lhe a origem.

Um dos senhores da quinta da Cotovia, André Soares, instituiu uma capéla no convento da Penha de França á qual legou um padrão de 20$000 réis, no almoxarifado dos vinhos. (1)

Terá isto acaso alguma relação longicua com o nome da rua?

Haveria naquelle sitio algum nicho ou ermida de Nossa Senhora da Penha de França?

Tudo perguntas a que não sei responder.

Esperemos que o acaso ou a providencia venham em nosso auxilio.

* * *

Eis-nos finalmente na travessa do Pombal ou na rua Direita do Pombal. De ambos os modos a nomeiam documentos coévos. Este nome, hoje quasi no olvido, depois que os municipes se entretiveram a chamar lhe rua da Imprensa, tem sido atribuido erroneamente á influencia do primeiro ministro de el rei D. José. O erro dos que assim pensavam foi já desfeito pelo sr. Visconde de Castilho no seu quinto volume do Bairro Alto da *Lisboa Antiga*; mas seja-me permitido citar aqui em abono e reforço dos argumentos do meu ilustre mestre os seguintes factos: Antes do terramóto, em 1754 já o familiar do Santo Oficio Antonio Rodrigues se dizia morador no sitio de Pombal (2) e, como se isto não bastasse, no livro V dos avisos do ministerio do Reino, existente na Torre do Tombo, aparece um aviso, assinado pelo futuro marquês, mandando acomodar na *rua Direita do Pombal*, n'umas casas em que assistia Ignacio Pedro Quintella, D. Maria Herculana de Mascarenhas, dama de honor da Rainha.

Provas mais concludentes do que estas, não ha.

O nome de *Pombal* derivou pois, não do marquês deste titulo, mas sim de um verdadeiro pombal, dependencia da casa dos Soares que claramente se vê indicado na vista a oleo de Lisboa, que pertenceu á casa do noviciado e que hoje se guarda na Academia Real de Bellas Artes. No panorama da capital, pintado em azulejo, existente no museu das Janellas Verdes, tambem aparece, embora imperfeitamente desenhado, o anexo do solar que deu nome não só aquella rua como tambem ás serventias circumvisinhas. O padre Castro fala algures no bairro do Pombal.

*(Continúa.)*

G. DE MATOS SEQUEIRA.

(1) Cartorio do convento de Nossa Senhora da Penha de França — Livro das capélas — Torre do Tombo.

(2) Habilitação para familiar do Santo-Oficio — Processo 123-2090 de Antonios.

# ESBOÇOS DE CRITICA

POR

H. Marques Junior

De quando em quando apparece-nos o Henrique Marques Junior, — o Henriquinho, sobraçando um novo volumesito, fructo das suas incessantes diligencias litterarias. Ora é um dos elegantes vominhos da *Bibliotheca das Creanças*, ora uma

traducção, ora uma compilação de contos. Bebendo na salutar orientação paterna o amor pelas lettras, elle lá vae mourejando, com paixão, nesta tarefa, neste louvavel afan de dar á publicidade o fructo de seu trabalho, augmentando dia a dia, como elle mesmo diz, a sua bagagem litteraria. Agora surge ante nós com um elegante voluminho de 120 paginas, a que deu o titulo de *Esboços de Critica*, e no qual colligiu artigos em que noticía e descreve algumas producções litterarias de escriptores noveis e de laureados auctores. Nestas apreciações que elle, ainda bem, modestamente denominou *Esboços de critica*, visto que Camillo já dizia que fazer critica litteraria era empresa difficil para os hombros de escriptores, mesmo eminentes como o grande romancista, neste livrinho o Henrique Marques Junior denuncia-nos a carinhosa sympathia que todos os auctores alli citados lhe dispensam, como a bom, estudioso e apreciado moço. De todos é amigo, a todos dirige palavras de admiração, de affecto reconhecido, testemunhando o apreço em que tem a sua amisade. Alli se desfiam curiosas noticias dos escriptores como Senna Freitas, Gomes Leal, D. João de Castro, não faltando as apreciações de poetas novos, da ultima, novissima geração de cultores das lettras, como Forjaz de Sampaio, das artes, como Francisco Valença e de theatro, como Augusto de Lacerda, sempre contendo episodios, transcrevendo cartas, publicando versos inéditos.

Tal é o novo livrinho do nosso bom amigo Henrique Marques Junior, a cuja tenacidade não conseguem resistir as difficuldades que neste meio ingrato, de costume se antepõem aos que trabalham. Persistente, vai publicando os seus livrinhos, e, o que é mais notavel, encontra quem lh'os edite, e até, como succede com os contos para creança — de que ha pouco sahiu mais um voluminho: *Lendas ao luar* — encontra mesmo quem lh'os compre!

Bem merece incentivo quem tão aporfiadamente se esforça por mostrar que desde o berço o moveram o amor e o gosto pela escrevinhação de livrecos, cousa tida em geral no nosso meio como ingloria, improficua, inutil e na quasi totalidade dos casos, completamente improductiva. Pois o Henrique Marques Junior abalançou-se a auctor, porfiou em verter contos, em colligir a *Terra Alheia* — edição do Occidente —, em congratular-se com todos os que o estimam pelas suas bellas qualidades de trabalho, nestes *Esboços de Critica*, impressos no Porto, e editados e prefaciados por um dilecto amigo, A. Moreira Lopes, sem que nos esqueçamos d'outro prefaciador — Alvaro Neves — egualmente amigo do auctor.

O Occidente agradece o exemplar que lhe foi amavelmente offerecido pelo auctor, que de ha muito collabora nesta revista, onde tem publicado contos infantis e noticias litterarias diversas.

Victor Ribeiro.

## NO SECULO DOS ANIMATOGRAFOS

### O salão fantastico da Rua do Regedor

Quando ha cerca de dez annos, appareceu pela primeira vez, em Lisboa, as projéções animatograficas, se nos recorda, no antigo Coliseu da Rua Nova da Palma, nunca ninguem supôs, de certo, que o entusiasmo pela fotografia animada havia de atingir-o maximo ponto. Era ainda, n'esse tempo, o cinematografo um aparelho pouco perfeito, pouco nitido, com movimentos vibratorios que incommodavam a vista, em summa, um aparelho que ainda necesitava de ser estudado, mas era no entanto uma grande invenção, de Edison, o tão importante vulto da ciencia, conhecido universalmente. Passados esses dez annos, o aparelho aperfeiçoou-se e hoje não ha ninguem que não se entretenha a ir um pedaço de tempo a um espétaculo animatografico entreter uma ou duas horas, que os preços são convidativos, verdade seja.

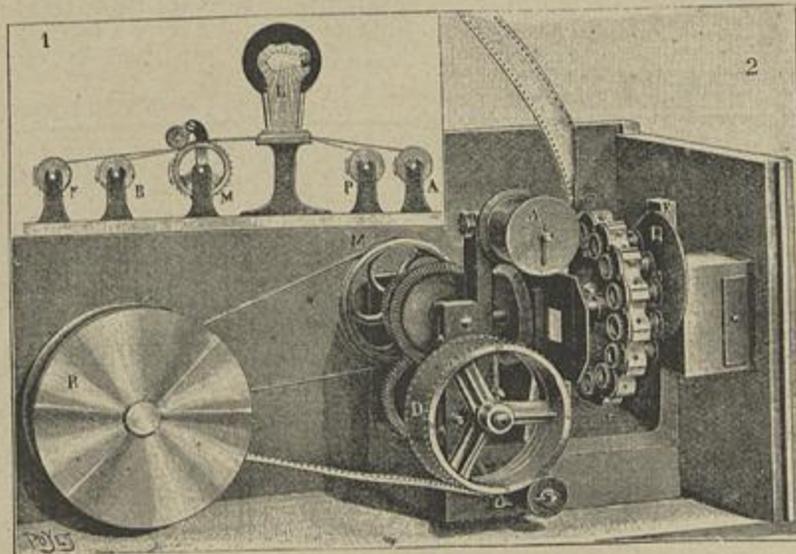
Principiou a serie o *Music-Hall*, da Avenida, a que se lhe seguiram, quasi immediatamente, o Salão Chiado, o Salão da Trindade, o Salão Ideal, do Loreto, etc., etc.

Hoje, referimo-nos em especial a uma nova casa de espétaculos d'este genero, ha dias inaugurada, o *Salão fantastico*, que na rua do Jardim do Regedor, tem atraído o maximo da concorrencia e que foi habilmente decorádo pelo notável cenógrafo Eduardo Reis.

Entrarmos ali, dá-nos a ilusão de penetrarmos n'uma gruta que a natureza, por suas mãos, se encarregou de construir, e transportamo nos, como que em sonho, a um perfeito ideal fantastico, admirando aquellas staglatites e staglamites que parecem ser devidas não á mão do homem, mas unicamente ao deposito do calcáreo das aguas das chuvas que infiltrando-se através dos terrenos permeaveis se acumulam n'esse ponto e que pela evaporação as aguas ahi deixam os residios calcareos, no cimo e na parte superior da gruta, o que dá origem áquelles troncos de prismas, que ahi observamos. A fantasia do artista chegou a ponto de imitar nitidamente a natureza, nas suas obras mais completas.

E' hoje a industria animatografica uma das mais prosperas, pois que o entusiasmo em todos os paises, por este divertimento, vae sendo quasi uma loucura. Não só em Portugal o observamos, e para isso basta dizer que presentemente, na Belgica, encontramos mais de cincoenta casas de espectaculo d'este genero, havendo, em Bruxellas, mais de 20, em Paris ha cerca de 200, em Londres, 300 em Berlim 350, etc.

Do nosso livro *Natureza e os seus fenomenos* extrahimos o seguinte periodo para que os que nos leem, fiquem bem inteirados da forma como funciona o aparelho.

«Para obter a serie de imagens do cinematografo, Jenkins emprega uma bateria de objectivas de egual abertura e foco, recortadas sobre um disco, e cujo eixo termina por uma engrenagem a qual torna o seu movimento solidario da do rolo D, que arrasta comsigo a fita onde existem as fotografias. Esse movimento é combinado de tal forma que a periferia do disco, onde estão colocadas as objectivas tem uma velocidade perfeitamente egual ao da fita. Esta, guiada pelo rolo A, desenrola-se paralelamente ao plano do disco das objectivas e a uma distancia tal do seu eixo de rotação que num dado momento, e durante um certo espaço de tempo, uma das objectivas se acha situada em face da fita animada de egual velocidade. Na frente d'esse ponto, existem as paredes da caixa que contém o aparelho, a qual tem uma abertura por onde os raios luminosos penetram na objectiva; essa abertura pode ser variavel por meio do disco E, contendo uma serie de diafragmas: obtem se então uma imagem, dando a objectiva seguinte uma nova imagem e assim successivamente. Um volante M

CINEMATOGRAPHO

dá movimento a todo o sistema e liga-se, por uma correia, a uma bobine R onde se acha armazenada a pelicula fotografica. A fita sensivel enrola-se na bobine P, e o cliché, na bobine A. Ambas são perfuradas nos bordos, afim de permitir uma coincidencia perfeita. As estremidades da fita e do cliché enrolam-se em seguida em bobines receptoras B e N, passando por um suporte contendo uma lampeda de incandescencia (L). As fitas ou peliculas são, em seguida, arrastadas simultaneamente por uma roda dentada, movida por um sistema de relojoaria, de modo que a impressão se faça, no momento em que a fita passe junto á lampada L, e da mesma forma para todas as imagens. A revelação das fitas impressionadas faz-se enrolando-as em helice n'um tambor, cuja parte inferior mergulha n'um banho revelador.»

Estes aparelhos, hoje aperfeiçoados, conseguem já 10 imagens por segundo ou sejam 600 por minuto, ou 12 metros de fita, esperando-se que em breve esse numero seja elevado a 15.

O seu preço, hoje mais convidativo, baixou de cerca de 1$800 réis cada metro de pelicula, para 1$000 réis, o que é vantajoso para os que esploram este genero de espétaculos que é hoje o divertimento predileto do publico.

Basta dizer que o cinematografo Dufayel em Paris teve, em 1906, uma receita de 34 contos de réis, o que é pasmoso.

O interesse despertado, levou as casas Pathé, Gaumont, Elge e outras, a constituirem sociedades industriaes, onde trabalham milhares de operarios, e um pessoal artistico, figurantes e comparsas, em numero de 500 figuras.

Os teatros é que soffrem com a propagação dos aparelhos cinematograficos. Certamente que o publico prefere, por modica quantia, vêr em uma hora meia duzia de dramas, e meia duzia de pantomimas, algumas, mesmo, muito interessantes, a ir para o teatro.

O cinematographo será o teatro do futuro, e vencidos os perigos de incendio a que está sujeito, obterá, certamente, o seu logar de honra, entre os mais interessantes divertimentos que o seculo XX terá proporcionado ao publico.

21—3—908.

Antonio A. O. Machado.

**Poema antigo.** Jayme Camara. — Edição, Bureau de La Presse. — Funchal, 1907.

N'um volume de 229 paginas o auctor, acompanhando sempre a narrativa evangelica relativa a Jesus, canta em versos de vario estylo a occorrencia aberta pela saudação do anjo a Maria e epilogada pelo resurgir do Homem-Deus.

Da composição *No Atrio do Templo* vou transcrever a parte final:

«E não só lhes impôz a rapida saída
— Castigo que ninguem da sua mente apague —
Mas com potente mão, ao alto bem erguida,
Por momentos brandiu um fléxil azorrágue.»

Jayme Camara allude aqui á expulsão dos famigerados vendilhões.

**Regresso a lar.** Mariano Garcias. — Edição da Casa Luso-Franceza.—Nova Gôa, 1906.

Em folheto de 26 paginas apresenta á publicidade em 2.ª edição, o auctor dos versos escriptos ao regressar á India, terra do seu berço, após 15 annos de ausencia.

O poeta mostra-se inspirado por delicadezas de sentir e prova-se verdadeiro amante da sua patria e do torrão natal, onde abundam primazias de sonhos e bellezas de enlevo.

Mariano Garcias começa d'este modo a moldura da metropole:

«Lindo Portugal á beira mar poisado,
Luzitania, terra de bom sol fagueiro,
De Linda Ignez, onde se canta o fado,
Terra de Camões, terra do desejado,
De Soror Mariana e Bernardino Ribeiro!»

**As Sombras** — Lisboa — Livraria Ferreira, Editora — Volume de poesias por Teixeira de Pascoaes, abranjendo trinta e sete composições em 207 pajinas, lê se com agrado e patentêa deveras uma alma de poeta, nutrida e alimentada numa atmosféra plena de luz inspiradora e integrando-se num estudo fórte, a que não falta o cunho tipico da filosofia.

Veja se, nesta quadra, que transcrevemos:

«Quando em paz tudo dorme, eu sonho e scismo.
«Remorso? Exaltação? Delirio a arder?
«E ouço vozes que veem d'um fundo abysmo
«Que eu vejo aberto no meu proprio ser!

**De mãos dadas** — Anna d'Ayalla e Adolfo Costa — Nova Goa — Empreza Typographica Colonial Bragança & Cia.

E' este um encantador volume dividido em duas partes — *Contos* — devidos á penna de Anna d'Ayalla e — *Rimas* — do éstro de Adolfo Costa, seu noivo.

Precede as duas composições literarias, referidas, uma especie de apresentação dos autôres, assinada por Florencia de Moraes, que, em poucas linhas, demonstra erudição e cultura intelectual não muito vulgares.

Desconhecia, quem isto declara, o nome desta senhora; quanto porém ao de Anna d'Ayalla não só já era nosso conhecido mas tambem a pessoa da propria contista, cujo pae tem no nosso coração um culto de amisade funda e perduravel.

A Annita esteve ao nosso cólo por mais duma vez e sempre nos pareceu que honraria como seu pae as letras patrias.

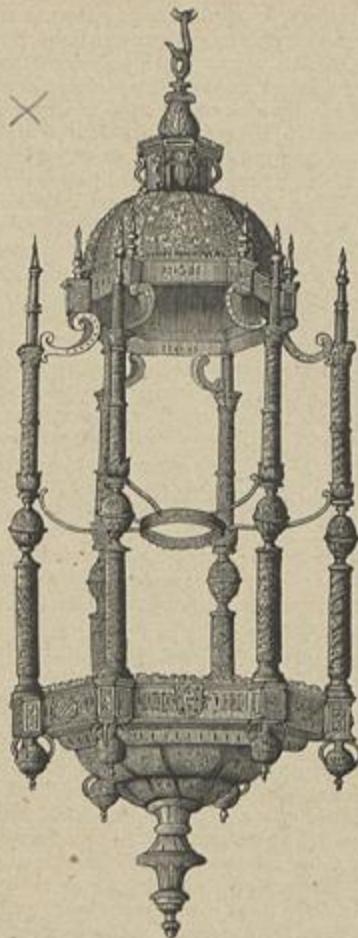
Não ficámos pois surpreendidos ao percorrer no volume a que nos reportamos a sua cintilante prosa fina e escolhida.

Eis um soneto de Adolfo Costa, á sua querida Anna:

«Nesta pagina branca e immaculada,
«Tão branca como a tua alma de arminho,
«Escrevo com o maximo carinho
«O teu suave nome, ó minha amada!

«E' a ti que dedico este livrinho
«Pelo qual passa, toda enamorada,
«A tua imagem candida e adorada,
«Perfumando-o, qual flôr de rosmaninho

«Já que presides sempre, casta e pura
«A todos os meus loucos pensamentos,
«Este livro, que exprime os sentimentos

«De quem longe de ti não tem ventura,
«Que o illumine a doce luz, que encanta,
«Do teu olhar, do teu olhar de Santa!»

LAMPADA DA CAPÉLA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

## A lampada da Capéla da Universidade de Coimbra

Recentes investigações feitas pelo sr. dr. A. Garcia de Vasconcellos nos arquivos da Universidade de Coimbra, revelaram o nome do autor da lampada da Capéla da Universidade, obra primorosa da ourivesaria portuguêsa, o qual se ignorava, pois, que aquella peça artistica não tem inscrição ou sigla que o indiquee, nem o anno em que foi feita.

Esta lampada, que figurou na exposição retrospectiva de arte ornamental de Lisboa, em 1882, onde foi muito apreciada, como um magnifico exemplar da ourivesaria portuguêsa e classificada obra do seculo XVI, poderia ser atribuida ao genial autor da custodia de Belem, Gil Vicente, ou a algum artista da sua escola.

De facto a recente descoberta do sr. dr. Garcia de Vasconcellos vem dizer-nos que a lampada foi feita por Simão Ferreira, ourives da Universidade. Para isso assignou este artista, em 1569, um contracto pelo qual se obrigou a fazer a dita lampada pelo preço de 1$100 réis cada marco, além do custo da prata.

A lampada ficou concluida em 1597 e pezou 81 e meio marcos, o que, junto com o valor da prata, importou em 301$850 réis.

Temos, pois, mais um nome de artista notavel do seculo XVI, qual o era Simão Ferreira, por esta e, porventura, outras obras, a incluir na nossa historia de Bélas Artes ou da ourivesaria portuguêsa.

Pela gravura que juntamos a estas linhas se póde avaliar a belesa da delicada lampada que, apesar de ter sofrido bastante com algumas reparações feitas por artistas incompetentes, é ainda uma obra de arte apreciavel, quer no primor de cinzel de seus lavoures, quer na elegancia de sua fórma.